

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUÍDO) 100\$ - 100 PESETAS | ANO 134.º Nº47 377 QUARTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 1998

promoção



DN INFORMÁTICA INSTANTÂNEA II

WINDOWS 98, OFFICE 97

Fichas grátis de segunda a sexta-feira

artes

José Saramago está a ter uma vida dura na cidade branca

PÁGINA 38



regional

Parquímetros sobem 10 % e Praça da Figueira vai ficar de pés para o ar

PÁGINAS 26 E 28 A 31

NEGÓCIO

EDP «dá» telefones a Belmiro

Patrão da Sonae terá, em troca, de ceder a maioria na Optimus

A EDP vai oferecer ao patrão da Sonae, Belmiro de Azevedo, a entrada na sociedade candidata à segunda rede de telefones fixos (E3G) em troca de uma diminuição da sua participação na Optimus, soube o DN. A proposta de

negócio foi já decidida pela EDP e pelo grupo Gás de Portugal (GDP), detentores de cem por cento da E3G. A estratégia é convidar a Sonae a entrar na E3G, abrindo caminho à concretização do plano de Belmiro de Azevedo de alargar o

negócio dos telefones, onde os seus interesses se limitam, por agora, às telecomunicações móveis. Em contrapartida, pede-se à Sonae que ceda no controlo da Optimus, onde detém 45 % do capital, mas 51 % dos votos. **Página 37**

TIMOR-LESTE

EUA exigem liberdade para Xanana Gusmão

Madeleine Albright escreveu a Jaime Gama e Governo está confuso com o massacre de Alas

■ A secretária de Estado Madeleine Albright escreveu uma carta a Jaime Gama de apoio às negociações de Portugal com a Indonésia, na qual defende a libertação dos presos políticos timo-

renses, incluindo Xanana. Entretanto, Portugal tentou levantar em Bruxelas a questão do massacre de Alas, embora continue à espera de informações da ONU. **Páginas 3, 4 e 43**

GOLA

Jonas Savimbi perde o Bailundo

banda diz que Andulo está por um fio e há fortes combates no Cuíto

A localidade do Bailundo, onde a UNITA possuía um dos seus quartéis-generais na província do Nambo, foi ocupada por tropas governamentais no fim-de-semana

na passado, enquanto o Andulo estará por um fio. Uma fonte militar governamental adiantou que pelo menos quatro mil efectivos da UNITA, apoiados por rebeldes

da República Democrática do Congo, estão envolvidos nos combates que se desenrolam a escassos 50 quilómetros a leste da cidade do Cuíto. **Página 9**



AP-François Mori

DALAI-LAMA. A China reagiu ontem com irritação à participação do dalai-lama nas comemorações do 50.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos em Paris e pediu ao Presidente francês, Jacques Chirac, que não o convidasse para almoçar. Tudo por causa do Tibete, ocupado por Pequim. **Página 50**

PUBLICIDADE



CARTÕES DE BOAS FESTAS
OS PRESENTES MAIS ESPERADOS CHEGAM
PELO CORREIO.

CTT CORREIOS

Artes & multimedia

JOSÉ SARAMAGO

Na verdadeira cidade branca

O Nobel da Literatura multiplica-se em recepções, jantares, banquetes e encontros na capital sueca. Um programa carregado

ANTÓNIO CARVALHO

Em Estocolmo

Dura é a vida de um Nobel, sobretudo se for o da literatura, certamente muito mais em foco e exposto do que muitos outros – recepções, exposições, encontros com o público e a imprensa, almoços, jantares, banquetes e *cocktails*, para além da palestra obrigatória e do programa carregado de solenidades, da entrega do prémio. É por isso que José Saramago já começou a pedir desculpa pelo risco de se tornar «monótono». Afinal de contas, passa o tempo a dizer «Obrigado», agradecendo as gentilezas com que o têm envolvido em Estocolmo.

Ontem, o dia abriu com um encontro informal, no café panorama da Casa da Cultura, entre o escritor e os seus leitores. Pacientemente, sempre com um sorriso nos lábios, Saramago procurou satisfazer a imensa curiosidade destes suecos, ávidos leitores de livros (e de jornais), talvez porque este clima duro os convida a práticas culturais mais domésticas.

Ainda na Casa da Cultura, foi lançado o número três da revista *Camões* – editada pelo Instituto Camões (IC) –, inteiramente consagrado aos ecos internacionais da atribuição do Nobel a Saramago, seleccionando alguns dos temas mais representativos publicados na imprensa de 20 países, da China ao Egipto e à própria Suécia. Refira-se que o IC promoveu uma série de iniciativas (cerca de meia centena de exposições, colóquios, mesas redondas, palestras, recepções, debates, etc.) de homenagem a Saramago, desde ontem e prolongando-se pelo mês de Janeiro, em países como Coreia, Brasil, Espanha, Canadá, Hungria, EUA, Japão, S. Tomé ou Índia. Neste último, amanhã, haverá um Porto de Honra oferecido na residência do embaixador português em Nova Deli, para o



EDIÇÃO. Saramago, a revista «Camões», o presidente do Instituto Camões, Jorge Couto e o embaixador Paulo Castilho

qual foram convidados escritores como Arundhati Roy e personalidades como a neta de Gandhi.

Ontem, ao almoço, Saramago confraternizou com uma dezena de escritores internacionais, convidados para assistir à entrega do prémio. Logo a seguir, teve uma reunião com a ministra da cultura

da Suécia, Marita Ulvskog, com quem discutiu política cultural, e ao fim da tarde compareceu na homenagem que lhe foi prestada, no Grand Hotel, pelo ICEP, em colaboração com o IPLB.

De facto, com este Nobel, o escritor transformou-se, de repente, na imagem mais visível de Por-

tugal no mundo e o ICEP percebeu muito bem essa mensagem, procurando agora tirar dela os mais inteligentes proveitos. Assim, a magnífica sala de espelhos do Grand Hotel encheu-se de centenas de convidados – na sua maioria, gente ligada aos meios culturais suecos – que tinham à sua espera doze painéis de grandes dimensões (5,30 x 1,85 m), espelhados, cada um deles reflectindo uma foto alusiva e uma frase (em três línguas) de Saramago.

Fotos de João Francisco Vilhena (cada vez mais «especializado» na captação da alma dos escritores) e frases seleccionadas por Francisco José Viegas – também eles co-responsáveis pelas imagens e texto que constavam do diaporama que pudemos ver na mesma sessão: *Uma Voz Contra o Silêncio* tem oito minutos de duração, nos quais surgem retratos

do autor, a casa e paisagens de Lanzarote, ouvindo-se ainda música de Mozart, Philip Glass e Carlo Gesualdo, além da voz de Saramago lendo um excerto do *Levantado do Chão* – esse mesmo excerto, traduzido em sueco, foi depois lido pelo escritor e académico Per Wastberg.

Visivelmente tocado, Saramago (e todos nós) deliciou-se, depois, com a audição de duas sonatas barrocas, de Scarlatti e Carlos Seixas, tocadas pelas cravista Ana Mafalda Castro, numa evidente alusão ao *Memorial do Convento*.

A encerrar a homenagem, os convidados receberam uma fotobiografia de Saramago, co-edição Caminho-ICEP. Neste volume, também ele coordenado por Francisco José Viegas e recheado de fotos de João Francisco Vilhena, além de excertos das obras do autor e de textos de Eduardo Prado Coelho e Manuel Gusmão, Saramago comenta alguns dos seus «nomes»: Alegria, Amor, Blimunda, Cervantes, Desencanto, Fantástico, Ficção, Gogol, História, Imaginação, Ironia, Kafka, Linguagem, Maravilhoso, Montaigne, Mulher, Ricardo Reis ou Verdade.

Vejamos o que ele diz do Não: «Acho que o Não, e eu tenho dito isso várias vezes, talvez demasiadas (e provavelmente não valia a pena, porque creio que até agora não convenci ninguém) é a palavra necessária. Creio desde sempre, não só de agora, a palavra essencial é a palavra Não. Creio que há que dizer Não até àquilo que neste momento ainda não merece que se diga não. Para preparar o caminho. Porque a verdade é pior que o Não».

A encerrar a cansativa jornada de ontem, Saramago saiu do Grand Hotel para a Universidade de Estocolmo, onde participou noutro encontro. Entretanto, a neve continua a cair sobre a cidade – a verdadeira cidade branca.

Juntos pela língua e por José Saramago

À mesma hora que Saramago receber o Prémio Nobel em Estocolmo, em Lisboa realizar-se-á a Festa da Língua Portuguesa.

É uma confraternização de escritores organizada pelo Ministério da Cultura com a Reitoria da Universidade de Lisboa que irá reunir, na Aula Magna, Pepetela, José Cravei-

rinha, Mía Couto, Manuel Rui Monteiro, Germano de Almeida, Inocência Mata, António Lopes Júnior, Ana Paula Tavares, Luís Cardoso. As tunas académicas e um concerto do Coro da Universidade Clássica, onde serão interpretadas obras de Lopes-Graça, fazem parte da Festa da Língua Portuguesa.

crítica música

A simplicidade do génio na Fundação Gulbenkian

Em dois dias gélidos, o pianista Artur Pizarro atraiu ao Grande Auditório da instituição a maior enchente da temporada

RECITAL

Intérpretes: Artur Pizarro (piano)/
Guenther Herbig (maestro)
/Orquestra Gulbenkian

BERNARDO MARIANO

Face à vaga de frio que se abateu sobre Lisboa, o Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian serviu na quinta e sexta-feira para constatar o arranque em força da *season* «casacos de peles» na capital.

E foi perante uma sala bem abafada que a Orquestra Gulbenkian se apresentou em palco para, sob a direcção do maestro alemão – mas radicado nos EUA – Guenther Herbig, acompanhar Artur Pizarro no *Terceiro Concerto* de Rachmaninov e executar, depois, a *Sinfonia n.º 3*, em mi bemol

maior, op. 55, «Heróica», de Beethoven. Um programa irresistível? A aferir pela adesão do público a ambos os concertos, é certo que sim...

Não deixa de ser curiosa a coincidência de, apenas três dias depois do termo do «Música em Novembro» (que, como é sabido, dedicou uma atenção substancial à música da chamada Segunda Escola de Viena), o poder de atracção de uma obra contemporânea (data de 1909) do período atonal dos compositores daquela «escola», mas situada nos antípodas estéticos mais longínquos daqueles defendidos por Schoenberg & Cia. – claro está, o *Terceiro Concerto* de Rachmaninov –, tenha levado à sala da Av. de Berna, no somatório das duas noites, um total de espectadores que não terá ficado muito longe das três mil pes-

soas... É um caso que, por si só, justificaria uma «mesa-redonda», como a que encerrou o dito festival. Quanto ao resto, animosos São Judas Tadeu...

E diga-se, em abono da verdade, que não deram o tempo por mal empregue todos quantos ouviram Artur Pizarro. Muito antes pelo contrário!

Mas seria injusto da minha parte concentrar o aspecto laudatório desta crónica sobre o pianista português, por muito que certamente o mereça. Como se costuma dizer, «por detrás de um grande homem...», neste caso, por trás de uma grande interpretação solística está sempre um grande maestro: Guenther Herbig, de seu nome.

Dá gosto ver alguém dirigir completamente para lá da partitura e, em Herbig, isso foi tão evi-

dente no Rachmaninov como no Beethoven.

Conduzir sentindo. Com a total percepção do fluxo, do que nele é, a cada momento, essencial e marginal. E «criando» depois, pondo o seu cunho pessoal, por intermédio da agógica a expressão interior da obra fundida com a sua própria.

E foi por tal processo se ter repetido na perfeição na interpretação de Pizarro que tivemos a fortuna de ouvir um *Terceiro Concerto* daquele quilate! Sem necessidade de meios de expressão lamechas ou lingrinhas, bem para lá dos sentimentalismos choramingas ou dos exibicionismos de salão que são o «calvário» desta obra.

Económico no pedal e de uma infinita inventiva de fraseado (veja-se a forma como opôs os dois

temas principais do andamento inicial ou o tema do *intermezzo*, ou ainda a articulação tipo «Scarbo» do *Alla breve*...), Pizarro foi bem a imagem do aristocrático e fiel intermediário das obras que dele se tem, com um estilo já inconfundível, soberano e... belo! E já vai sendo raro alguém conseguir prender-nos deste modo a uma interpretação. É que esta foi de espanto!

A *Heróica*, na segunda parte, à parte uns violinos «preguiçosos» que exigiram não raras vezes uma sinalética enfática de Herbig, continuou o «Olimpo» da primeira parte no que teve de segurança, de energia, de convincente e de refinamento sonoro (belíssimo o solo das trompas no *scherzo*!). Pois é nos pequenos pormenores que se vêem os grandes maestros. Como Guenther Herbig.